

30 Encontro Anual da ANPOCS

24 a 28 de outubro de 2006

GT 12 Migrações Internacionais

Organizações Étnicas e Estado Nação: o caso dos ciganos *calon* do Catumbi

Mirian Alves de Souza*

A Campanha de Nacionalização empreendida pelo Estado Novo, entre 1937 e 1945, teve o objetivo de assimilar imigrantes e seus descendentes; classificados como “alienígenas”, isto é, “estrangeiros” cujos hábitos e práticas pareciam incompatíveis com os princípios de brasilidade, muito bem traduzidos na imagem de um *melting pot* nacional (SCHWARTZMAN, 1982). Concebida como uma verdadeira ação cívica, a Campanha pretendeu eliminar os quistos étnicos que, segundo discurso oficial, ameaçavam a unidade e a integridade do país. Para tanto, uma ação decisiva foi o controle e até mesmo a dissolução de entidades formalizadas pelos grupos considerados como não assimilados à nação¹. Apesar de enérgicas iniciativas nessa direção, as restrições nacionalistas do governo Getúlio Vargas não alteraram o ritmo e a intensidade das atividades que envolviam as organizações exclusivamente formadas por ciganos *calon*, a exemplo da Sociedade Nossa Senhora das Graças no bairro do Catumbi, Rio de Janeiro.

Quanto à não interrupção da vida institucional do grupo *calon*, muitas coisas podem ser ditas. Mas, arriscamos dizer, em primeiro lugar, que sua Sociedade expressa, como o próprio nome sugere, vínculo à religião oficial e que, de modo geral, as campanhas nacionalistas dirigiam-se, sobretudo, aos grupos cujas especificidades étnicas pudessem se configurar em reivindicações de natureza política. Essa observação, todavia, não deve nos impelir a pensar que os ciganos *calon* tem sua identidade étnica diluída por conta de sua, por assim dizer, filiação religiosa ao catolicismo. Ao contrário, a devoção particular manifesta à Nossa Senhora das Graças tornou-se mesmo uma forma de distinção e de reconhecimento identitário, conforme pretende-se mostrar no presente texto. Antes, no entanto, nos parece pertinente recuperar um tema clássico entre os estudos migratórios, isto

* Mestre em Antropologia pelo PPGA/UFF e professora da Sociedade de Ensino Superior e Cultura - SUESC.

¹ Sobre a repercussão da Campanha na comunidade alemã do Vale do Itajaí e na comunidade judaica de São Paulo e Rio de Janeiro, ver respectivamente SEYFERTH, 1997 e CYTRYNOWICZ, 2002.

é, a trajetória familiar. Abordaremos, nessa perspectiva, os passos de um grupo de famílias cuja presença na cidade do Rio de Janeiro chega mesmo a surpreender por despontar com notável visibilidade, sobretudo e tão vivamente, a partir de sua inserção profissional.

Trajatória e ocasião

Tratamos aqui dos ciganos *calon* do Catumbi, isto é, de um grupo de famílias que compartilham uma história muito entrelaçada, a ponto de formarem um grande arranjo familiar marcado por intensas relações de proximidade e, por assim dizer, circunscrito ao bairro do Catumbi². Essas famílias ciganas conseguiram garantir a seus membros acesso à administração pública da cidade e à sua florescente vida comercial. Conseguiram, pois, e de maneira expressiva, ocupar posições e funções muito bem definidas no Judiciário e no Mercado de cativos. A memória genealógica de diferentes membros do grupo cujo alcance nos remete, sem muita dificuldade, à segunda metade do século XIX traz consigo nomes de parentes associados ao Desembargo do Paço, então ápice do sistema judicial, como meirinhos e porteiros de auditório³, e também ao Mercado do Valongo⁴, onde estiveram envolvidos nas diferentes funções daquele que foi o mais importante mercado de escravos das Américas. A repercussão dessas atividades na vida dos ciganos pode ser sentida ainda hoje, em especial, a participação institucional no Judiciário, que lhes ofereceu um importante referencial de sedentarização ao caracterizá-los como parte fixa da sociedade majoritária. Em razão das atividades exercidas tanto no judiciário quanto no comércio de escravos, eles foram gradativamente abandonando o nomadismo, consagrada referência identitária do grupo.

² Desde o começo do século XIX, famílias de ciganos *calon* vivem no Catumbi. Segundo estimativas do pároco local, na década de 1940 e 1950, a comunidade cigana era formada por 150 famílias. Atualmente, estimamos que o número total de ciganos no bairro não ultrapasse uma centena de indivíduos.

³ O meirinho era um empregado inferior do juízo ou da administração, a quem compete realizar certas diligências, todas elas em cumprimento às demandas dos órgãos a que estão vinculados. Os meirinhos da Casa de Relação e do Arcebispado, por exemplo, tinham como obrigações, respectivamente, fazer as execuções, penhoras e demais diligências necessárias à arrecadação da fazenda dos defuntos, caso o provedor dos Defuntos e Ausentes assim o determine; prender os culpados por mandado; e portar uma vara branca sempre que estiver em serviço. O porteiro de auditório, por sua vez é cargo instituído no Brasil pelas Ordenações manuelinas de 1521 e complementado pelas Ordenações filipinas de 1603, tendo como atribuições fazer penhora onde residirem e nos lugares próximos e apregoar as deliberações da Câmara (SALGADO, 1985:211 e 355).

⁴ O Mercado do Valongo, localizado a noroeste da área central, mais especificamente entre os morros do Livramento e da Conceição, área repleta de chácaras e hortas, é criado para que os cativos recém-desembarcados da África se recuperarem da longa viagem que os deixava invariavelmente magros e doentes, assim como para evitar a proliferação de suas moléstias pela cidade (KARASCH, 2000:74).

“Nômades por excelência, a verdade é que muitos foram aos poucos deixando de lado sua maneira tradicional de viver para fixar-se numa atividade comercial em que se deram às mil maravilhas: a de mercadores de escravos, primeiro nos armazéns do Centro e depois nos do Valongo. Enriquecendo, trocaram as barracas pelas primeiras casas” (GERSON, 1965:277).

No trecho acima destacado de *História das Ruas*, os ciganos aparecem como prósperos comerciantes, que, de certa maneira, acompanharam o crescimento da cidade no sentido da assim chamada Cidade Nova. No começo do século XVIII, eles se estabelecem no Centro, onde sua inserção na morfologia é significativa a ponto de conferir a ruas, praças e campos a visível e incontornável referência ao grupo. Acamparam inicialmente na Rua dos Ciganos, atual Rua da Constituição, no Campo de Santana e no Campo dos Ciganos, que, em 1821, viria a ser chamado de Largo do Rossio, atual Praça Tiradentes. Seguindo em direção ao eixo de expansão da cidade, não tardaram a chegar numa região conhecida por suas inúmeras chácaras, isto é, Valongo e Catumbi, onde estão desde o começo do século XIX.

Muitos são os registros nos quais os ciganos aparecem no Mercado do Valongo como traficantes de escravos africanos. Viajantes naturalistas, dentre eles alguns da Missão Artística Francesa ao Brasil, cronistas e escritores noticiam sua posição e visível ascensão econômica (GRAHAM, 1824; SANTOS, 1825; DEBRET, 1834; SAINT-HILAIRE, 1851; MORAES FILHO, [1886]1981, 1901 e 1904). De fato, nas atividades relacionadas ao tráfico de cativos, muitos tiveram êxito, a ponto de ocuparem mais do que posições intermediárias na hierarquia traficante. Membros de famílias compreendidas em decretos de banimento conseguiram até mesmo figurar nas listagens das fortunas cariocas e de agraciados com condecorações. E tudo isso, de certa maneira, através de importantes redes de organizações e de relações informais. Será esse, então, mais um caso no qual a pertença étnica oferece uma alternativa coletiva para que se desenvolvam estratégias de sucesso econômico e de promoção daqueles que a compartilham? Com efeito, ela muitas vezes contribui para a mobilidade social, podendo ser acionada e instrumentalizada, de maneira a definir uma situação positivamente⁵. Nossa questão, entretanto, para ser inteiramente

⁵ Algumas organizações étnicas nos Estados Unidos serviram mesmo de trampolim a muitos descendentes de imigrantes para conseguir um lugar nas instituições americanas, na política ou nos negócios (POUTYGNAT & STREIF-FENART, 1998:66).

respondida deve levar em conta que, quando a identidade étnica é um estigma social⁶, como é o caso para os ciganos, em geral, aqueles que a compartilham costumam simular outra origem para obter sucesso na sociedade mais ampla⁷.

Isso não ocorreu, contudo, com os ciganos *calon* do Catumbi, quer dizer, eles não forjaram outra identidade para participar da vida pública, onde inicialmente eram meirinhos e traficantes de escravos. Podemos dizer, nesse sentido, que o degredo para a colônia teve como conseqüência um novo e inesperado lugar social reservado aos ciganos. No Brasil, eles alcançaram outro *status*, mesmo que não tenham se afastado completamente do conjunto de estereótipos que lhes é atribuído. Em outras palavras, conseguiram fugir do estatuto subalterno em que se encontravam nos mais diversos países e, sem dissociar-se do seu grupo de origem e dos estigmas que lhes são imputados, conquistar um estatuto operatório que lhes garantiu o estabelecimento de práticas sociais e econômicas.

A identidade étnica dos ciganos não se deixou diluir. Longe disso, quase sempre os encontramos adornados com seus signos exteriores de afiliação étnica (a exemplo de seus adornos de ouro e roupas coloridas). Aqui, nos deparamos com uma questão que sempre nos acompanhou ao longo do trabalho: a identidade do grupo é, constantemente, realçada por sinais diferenciadores, expressos através do vestuário, do comportamento, do uso do *chibe*⁸, de formas particulares de devoção religiosa etc. No Catumbi, no Judiciário ou no mercado de escravos, sobretudo a considerar pelo seu vestuário, os ciganos parecem facilmente identificados até mesmo para aqueles com curta vivência nesses lugares.

Assim, para um grupo cujos traços fenotípicos não são tão fortes a ponto de lhes revelar a afiliação, cultivar um vestuário diferente – talvez o indício mais imediatamente disponível para identificação – não parece implicar um desejo de se ocultar. Numa outra perspectiva, no entanto, devemos considerar que essa pode ser uma estratégia para manterem-se fora de foco. Para tornar essas palavras mais inteligíveis, talvez possa nos ajudar um trecho do conto *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe. Neste pequeno texto ampliamos nossa compreensão sobre o assunto:

⁶ Aqui fazemos uma clara referência ao texto de EIDHEN, 1969.

⁷ Principalmente para aqueles que são filhos de casamentos mistos, o fenômeno bastante conhecido do *passing* aparece como recurso comum.

⁸ Os *calon* são ibéricos e falam o *calon*, que entre os ciganos do Catumbi é chamado de “dialeto” ou “*chibe*”. O uso está referido com mais freqüência ao espaço doméstico e é mesclado com palavras em língua portuguesa. Quer dizer, em geral, intercalam numa frase palavras portuguesas e em *chibe*.

“Existe um jogo de enigmas que se faz sobre um mapa. Um dos jogadores pede ao outro que encontre determinada palavra – um nome de cidade, rio, estado ou império –, qualquer palavra, enfim, compreendida na extensão variada e intrincada do mapa. Um novato no jogo em geral tenta embarçar seus adversários indicando nomes impressos com as letras menores; mas os habituados ao jogo escolhem palavras que se estendem, em caracteres grandes, de um lado a outro do mapa. Estes últimos, como ocorre com os cartazes demasiadamente grandes existentes nas ruas, escapam à observação exatamente por serem demasiadamente evidentes, e aqui o esquecimento material é precisamente análogo à desatenção moral que faz com que o intelecto deixe de notar considerações demasiado palpáveis, demasiado evidente” ([1844]2000:80).

Realmente nos parece pertinente supor que os ciganos, para “esconder-se”, lançaram mão do compreensível e sagaz recurso de não tentar ocultar-se de modo algum. Mesmo que essa estratégia não tenha sido explicitamente adotada, não deixa de ser um mecanismo eficaz para que pudessem se manter na penumbra, como é de seu interesse. Quanto a isso, ou seja, seus esforços para não serem matéria de publicidade alguma, aparece como evidência a partir de nossa experiência de campo com o grupo .

É nesse sentido que certas coisas também parecem mais claras. Pensamos, por exemplo, no fato de que, embora contando com uma infinidade de fontes sobre a presença dos ciganos em atividades até então apenas registradas na sociedade brasileira, pouca atenção lhe tenha sido dirigida em termos de produção científica. É interessante destacar que foi apenas no artigo de um pesquisador inglês que encontramos essa questão melhor explorada. Num texto publicado no *Journal of Social History*, em 1992, Bill Donovan faz uma apreciação a respeito das possibilidades e perspectivas de uma história social dos ciganos no Brasil (o historiador inglês faz uma referência geral aos ciganos *calon*). O seu ponto de partida é a análise do significado particular do desvio social associado ao grupo, ao longo de sua história, e as mudanças sutis na sua percepção por parte da sociedade colonial brasileira, aonde chegam banidos de Portugal.

Bill Donovan registra e toma como objeto de sua análise a inserção dos ciganos na cidade do Rio de Janeiro, destacando a excepcionalidade de sua posição se comparada àquela encontrada nos países europeus, onde enfrentavam perseguições constantes e aberta hostilidade.

“The court encountered a flourishing gypsy community when they arrived in Rio de Janeiro. In addition to slave trading, gypsies held artisan occupations and even

low level official posts. Although most were firmly in the lower class, several families had become rich (...) To the newly arrived Europeans, Rio's gypsies added an exotic air to the tropical local. In an act unthinkable in Portugal, gypsy dancers were invited to the wedding festivities marking the marriage of João VI's oldest daughter" (1992:46-47).

A notável participação dos ciganos em diversas atividades da vida urbana, inclusive em festividades reais, e o fato de terem ocupado postos oficiais e se tornado comerciantes bem sucedidos mostra que a velha imagem do cigano pária em Portugal passava por mudanças substantivas. Contudo, mesmo reconhecendo as implicações dessas mudanças, Bill Donovan não deixa de considerar que a significativa inserção social e econômica dos ciganos na cidade não representou a dissolução do estigma que lhes acompanha:

"Gypsy identification with it conferred upon them a measure of social utility absent in Portugal (...) If their utility no longer made them pariahs, gypsies still continued to be a stigmatized minority whose access to normal social statuses could remain restricted at the majority's discretion. Even in their role as commissarios, for example, gypsies remained popularly stigmatized as thieves" (1992:42).

Não foi apenas em uma das atividades do tráfico de escravos, mas também como oficiais de justiça, que os ciganos permaneceram estigmatizados. A trajetória dos *calon* do Catumbi entrelaça-se a atividades profissionais que, apesar de quase inteiramente desprezadas, são fundamentais para a sociedade mais ampla. Eles estão envolvidos na engrenagem de uma cidade escravocrata e em funções indispensáveis à manutenção do Desembargo do Paço.

Durante gerações, os ciganos do Catumbi foram quase todos oficiais de justiça, aparecendo vinculados ao judiciário desde a criação do Desembargo do Paço no Rio de Janeiro, em 1808. Nesse mesmo ano, a cidade recebe a Família Real Portuguesa. Como se tratava da transferência de uma corte, a comitiva que lhe acompanhava era numerosa e formada por diferentes tipos, entre eles os ciganos *calon*⁹. As circunstâncias dessa viagem não são de todas conhecidas, mas diante de uma iminente invasão francesa, comandada

⁹ O número de pessoas que acompanharam a família real é tema de discussão. Em *As Barbas do Imperador* (1998), Lilia Moritz Schwart aponta que Dom João VI e comitiva desembarcam com aproximadamente 20 mil pessoas na cidade do Rio de Janeiro. Esse número é fortemente criticado em *A Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: as muralhas, sua gente, os construtores* (1997), tese de doutoramento do arquiteto Nireu Oliveira Cavalcanti, para o qual não chegaram a 500 os acompanhantes. Ao sistematizar a busca pela relação de ciganos que vieram nessa comitiva foi possível examinar algumas das listagens nominais de passageiros das embarcações que os trouxeram, mas não conseguimos estimar com maior segurança sequer um número intermediário.

pelo general Jean Junot, Dom João VI e família, seguidos da parentela de Portugal e Espanha, agregados e empregados chegam ao Brasil.

Não sabemos se os ciganos já desembarcaram como empregados da administração lusitana. Algumas evidências nos levam a crer que foram poucas as famílias cujos membros vieram como “empregados” da Metrópole (e que, nesse caso, eram artistas, organizadores de festividades). Com segurança, no entanto, podemos afirmar que, antes da corte desembarcar, os ciganos já estavam no Desembargo do Paço, coisa de alguns meses antes¹⁰. Seja como for, eles permaneceram durante sucessivas gerações ocupando esse nicho profissional.

Diferentemente do que lhes aconteceu no mercado de escravos, onde alguns enriqueceram e galgaram posições, no judiciário, os ciganos estão diretamente relacionados a determinados ofícios: taquígrafos, auxiliares-datilógrafos, oficiais de justiça, porteiros de auditório, comissários de menores, comissários de vigilância. Outros são ainda escreventes, datilógrafos, ficharistas. Mas são, sobretudo, oficiais de justiça. Esse ofício foi um verdadeiro negócio de ocasião, e a ocasião – a oportunidade para ocupá-lo – foi a própria transferência da metrópole para a colônia, entre outras coisas.

“A origem dos ciganos na justiça se deu com a chegada da família real no Rio de Janeiro quando o primeiro despejo em massa foi feito por ciganos. Era uma missão tão antipática que só os ciganos fizeram e, na época, ganharam um bom dinheiro” (Wilson Pereira de Moraes, em entrevista ao Jornal *A Contrafé*, em janeiro de 1996).

A interação dos ciganos com a sociedade mais ampla passa, fundamentalmente, pelo trabalho, com o qual estabeleceram uma relação marcada pela objetividade. Essa objetividade se expressa no fato de serem bastante voltados para si. Preferencialmente, o casamento, as festividades e as obrigações morais de toda ordem encerram-se no âmbito do próprio grupo, de modo a assim cultivarem certa distância em relação aos “*gadjos*” – os não-ciganos. É nesse sentido que as palavras acima se tornam ainda mais compreensíveis. Os ciganos fizeram tarefa tão antipática, porque sua rede de lealdade e compromisso é

¹⁰ Na relação de funcionários do Desembargo do Paço correspondente à sua fundação, já temos o nome de ciganos aparentados aqueles que ainda hoje vivem no Catumbi. Cf. “Almanaque para a cidade do Rio de Janeiro para o ano de 1824” In: *Revista do IHGB*, 278 (jan-mar.1968).

tecida em torno daqueles com os quais compartilham a mesma posição. Uma posição de hóspede, aqui no sentido de estranho, de estrangeiro.

Nas páginas de seu *Ensaio sobre Sociologia da Religião*, mais especificamente no trecho que trata do Hinduísmo e do Budismo, Max Weber sublinha a propósito dos “povos hóspedes” sua habilidade em ocupar “trabalhos de ocasião ([1921]1987:20). Considerados ritualmente impuros, esses “ofícios hóspedes” são exercidos por aqueles que o sociólogo conceitua como *Pariavolk*, isto é, membros de comunidades desprezadas e, não obstante, procuradas como vizinhos devido a determinada técnica especial e indispensável que monopolizam ([1922]1991:268).

Os ciganos serviram adequadamente e durante muito tempo nas atividades que descrevemos. Em relação ao comércio de escravos, eles conseguiram com notável competência participar de diferentes funções através de importantes redes organizacionais. A reprodução geracional, que marca os negócios nos quais estão envolvidos, não é tão relevante no Mercado do Valongo quando comparada ao judiciário, onde agiram corporadamente durante quase dois séculos. Mas, isso em nada nos faz questionar sua habilidade para ocupar e manter-se numa determinada posição, pois temos que considerar nesse caso o tempo dedicado à atividade, que passa a ser definitivamente proibida no Brasil na segunda metade do século XIX.

O fenômeno estudado por Weber – a ocupação por determinados grupos de funções específicas – aparece em diferentes lugares e tem também no caso dos judeus um bom exemplo. Assim como eles em diferentes episódios de sua história, os ciganos ocuparam verdadeiros nichos profissionais. O mais notável entre os *calon* do Catumbi é seguramente aquele que lhes reservou a posição de oficial de justiça. Os ciganos souberam aproveitar a oportunidade, de modo a permanecer no ofício, renovando-se de geração em geração, através de uma genealogia que remonta ao início do século XIX.

A transmissão da profissão envolve, como era de se esperar, um saber-fazer que podemos chamar de técnica para aproveitar o termo proposto por Weber. Essa técnica, por assim dizer, era objeto mesmo de transmissão hereditária, mas num sentido mais amplo. Isto é, uma vez que conseguiram ocupar muitas posições como oficiais de justiça, tentavam através de diversos expedientes transmiti-las a parentes, a todos aqueles que compreendem a comunidade *calon* do Catumbi. A propósito, parece pertinente destacar que o sentimento

de comunhão étnica nem sempre conforma uma comunidade, porque não são raras as vezes em que funciona muito mais como um elemento facilitador de relações comunitárias do que como fonte para a efetiva ação comunitária. Em relação aos *calon* do Catumbi, entretanto, a comunhão étnica, definida nos termos propostos por Weber, entrelaça-se com a idéia de uma “comunidade de clã” baseada num sentimento mais forte de identidade comum e, também e sobretudo, a cuja essência pertence uma real ação comunitária (WEBER, [1922]1991:270). Para dar expressão a essa idéia de “comunidade de clã”, um bom exemplo são as estreitas relações de casamento e apadrinhamento que imperam entre os ciganos, isto é, as mesmas relações que dão pertinência ao emprego de categorias (nativas) de auto-designação como *clã* e *tribo*:

Abel Duarte nasceu em 1910, filho de Américo Duarte e Erminda Sampaio. Abel teve como padrinhos de batismo Francisco Oscar do Nascimento, primo de seu pai, e Adelaide da Silva Duarte, irmã de seu pai. Na década de 1930, casou-se com Regina Sampaio Duarte, filha de Manoel Sampaio, irmão de sua mãe, e de Carmélia Sampaio, prima de seu pai.

Miralinda Verani nasceu em 1927, filha de Rafael Barroso da Costa Verani e Magdalena da Costa Verani. Seus padrinhos são Fernando do Nascimento e Djalмира do Nascimento Costa. Na década de 1940, casou-se com Jorge Peres da Costa, filho Tomásia Peres da Costa e de Jerônimo Peres da Costa, primo de sua mãe e de seu pai.

Todos aqueles que pertencem ao clã ou à tribo dos *calon* do Catumbi traçam sua descendência a partir das famílias que chegaram no Brasil deportadas de Portugal e, em menor número, a partir daquelas que vieram acompanhando a comitiva de Dom João VI. Através de uma história comum, que em muito se relaciona à sua vida profissional, como vimos, os ciganos conformaram linhagens familiares que os distinguem dos demais *calon* que encontramos¹¹. Aqui, ao invés de nos referirmos ao clã como uma linhagem, preferimos falar de um sistema de linhagem, entendendo-o como um segmento genealógico do clã ou da tribo. Dois motivos nos impeliram nessa direção. Primeiro porque, assim, nos aproximamos conceitualmente de Evans-Pritchard, num texto clássico dedicado ao sistema de linhagens dos *Nuer*¹². Segundo, porém não menos importante, porque também nos aproximamos de nossos interlocutores que costumam nos lembrar que sob a aparente

¹¹ Diferentemente dos ciganos que costumavam se desquitar do nome de família, interrompendo assim a mais leve idéia de parentesco, os ciganos do Catumbi conservaram os seus. Para Mello Moraes, aqueles que o abandonavam, faziam-no porque queriam fugir das perseguições da justiça, ao passo que os “desta capital congregaram-se, e, para se destacarem dos que infestavam as estradas, resolveram conservar os apelidos de seus avôs, que em nada os comprometiam e que disso se ufanavam” ([1886]1981:68).

¹² Cf. EVANS-PRITCHARD, [1940]1999.

homogeneidade dos ciganos escondem-se linhas de segmentação, divisões em clãs ou tribos. Até mesmo entre as famílias que compõem o arranjo *calon* do Catumbi encontramos divisões e porque não dizer também clivagens, mesmo que não muito freqüentemente.

Ao traçarmos as árvores genealógicas das famílias que fazem parte do clã dos *calon* notamos um verdadeiro arranjo de alianças matrimoniais e de compadrio. Verani, Peres, Costa, Sampaio, Rocha, Reis, Nunes, Duarte, Salgado, Vaz, Guimarães, Lisboa, Nascimento, todos estes são nomes de famílias que se encontram no Catumbi desde a primeira metade do século XIX e que mantêm entre si intensas relações de parentesco e proximidade. Exemplo dessas relações são aquelas que tiveram lugar na Sociedade Beneficente Nossa Senhora das Graças. Podemos dizer que a idéia de uma comunidade *calon* assume contornos ainda mais nítidos quando pensamos em sua Sociedade.

Sociedade Beneficente Nossa Senhora das Graças

A Sociedade Beneficente Nossa Senhora das Graças originou-se a partir da fusão de outras duas sociedades com histórias inseparavelmente entrelaçadas: a “Cooperativa dos bons amigos” e o “Conjunto Fé em Deus”. Num dos tradicionais piqueniques que os ciganos faziam na “Cascatinha da Tijuca”¹³, surge a idéia de se criar um clube, uma sociedade. O grupo que participa do passeio, ao voltar, fundaram a “Cooperativa dos bons amigos” e um grupo formado pelos que não foram ao piquenique criaram, por sua vez, a “Sociedade Fé em Deus”. Essas Sociedades rivalizaram-se durante certo tempo, mas depois, na década de 1940, unem seus esforços para a consolidação de uma única sociedade: a Sociedade Nossa Senhora das Graças cujo formato assemelha-se ao das sociedades de ajuda mútua, tais como as descrita por Thomas e Zaniecki e Clyde Mitchel¹⁴.

Uma sociedade de ajuda mútua sempre existiu entre os ciganos, embora sem uma organização mais formal. Quer dizer, eles sempre puderam recorrer à sua comunidade diante de dificuldades para providenciar enterros e coisas do gênero. Ações providentes se

¹³ A Cascatinha no bairro da Tijuca era um dos lugares de passeio e freqüentação das famílias ciganas. Nele encontramos restaurantes e espaço reservado (com mesas e cadeiras) para aqueles que quiserem fazer um piquenique.

¹⁴ As sociedades de socorro mútuo e providente fornecem dinheiro às pessoas em dificuldades para providenciar enterros, cuidam dos preparativos para funerais, contribuindo para a difusão de uma solidariedade de base étnica. Em *The Polish Peasant in Europe and América*, Thomas e Zaniecki tratam da “The Mutual Benefit Society” de Chicago e, em *Kalela Dance*, Mitchell refere-se às Sociedades de Socorro Mútuo da Rodésia. Cf. THOMAS & ZNANIECKI, 1918-1920 e MITCHELL, 1956.

formalizavam através de certas lideranças, do “Rei dos ciganos”. Mesmo que tenhamos ouvido por repetidas vezes que os *calon* têm um “Rei”, quando os interrogamos sobre isso, eles respondem que todos eram iguais, que não tinham propriamente um rei, mas sim um presidente para organizar a Sociedade. Seja como for, o presidente desempenhava uma posição de destaque no grupo e para elegê-lo, os ciganos não costumavam recorrer a procedimentos mais formais, como eleições, embora vez ou outra as fizessem. Em geral, eles procuravam nomear um membro cujas qualidades para a chefia fossem reconhecidas por todo o grupo. Para ocupar essa posição eram exigidas algumas qualificações, entre elas, entendimento sobre questões de responsabilidade e compreensão da importância do sistema de obrigações recíprocas nos quais os *calon* estão envolvidos¹⁵.

Podemos dizer que os ciganos do Catumbi operam um “código moral” que lhes impõem ajudar os membros do grupo nas circunstâncias mais diversas. Foote-White, aliás, chama nossa atenção para uma coisa importante relacionada a esse sistema de prestação mútua, i.e, o fato de que a vida no grupo corre sem problemas, quando as obrigações que ligam os integrantes não são explicitamente reconhecidas ([1956]2005:262).

“Era tudo muito natural. Sempre aconteceu no nosso povo. Aquele que está mais abastado no momento paga o aluguel, ajuda na conta de luz, dá o ‘caia’ [dinheiro], como a gente chama. Coloca uma comida, faz uma compra para a casa do outro que não recebeu ou se recebeu e gastou tudo dando um bródio [festa]. Era a coisa mais natural do mundo.”

Os ciganos do Catumbi aparecem no trecho acima destacado ligados uns aos outros numa rede intrincada de obrigações recíprocas, por assim dizer, inquestionável. Como Fernando nos conta em seu depoimento, aquele que sofresse um infortúnio ou simplesmente agisse sem qualquer parcimônia costumava ser ajudado, e, quando estivesse restabelecido, deveria estar pronto para também partilhar sua boa sorte com aqueles que o ajudaram¹⁶. Os *calon* desenvolveram um refinado sistema de apoio tanto formal, a partir de ações beneficentes, quanto informal, através da concessão de sucessivos pedidos de empréstimos. Quanto às ações beneficentes, referimo-nos aqui à assistência que a

¹⁵ Muitos dos presidentes da Sociedade foram homens idosos. Podemos dizer que entre os ciganos, os velhos detêm uma posição de respeito, possuem de forma bem aguçada a autoridade que costuma caracterizar a geração mais velha em diferentes sociedades.

¹⁶ As considerações de Foote-White sobre o código moral dos rapazes de esquina foram fundamentais para nossa compreensão a propósito de um padrão de interação baseado em regras expressas, porém informais, de ajuda e cooperação sistemática. Cf. FOOTE-WHITE, [1956]2005:21.

Sociedade concedia, por exemplo, às viúvas *calin*. Quando funcionava num casarão na Rua Carolina Reidner, a Sociedade abrigou em seu porão muitas senhoras cujos rendimentos não lhes permitiam cobrir a totalidade de suas despesas. Na Sociedade, além de moradia, alimentação e cuidados médicos, as viúvas desfrutavam de atividades festivas organizadas exclusivamente para elas, como o “bródio [festa] das viúvas”. Já em relação aos pedidos de empréstimo, podemos dizer que são quase irrecusáveis. Se um cigano tem dinheiro, e seu parente não, espera-se que cubra as despesas de ambos. Quando o assunto relaciona-se aos gastos com dinheiro, os ciganos se encaixam numa economia de consumo em oposição a uma economia de poupança e investimento. Assim, entre aqueles que resolvem gastar com moderação ou já não concordam mais com a prestação de auxílio em qualquer circunstância, é comum, para se desligar da rede de obrigações, deixar o bairro. Afinal, padrões consistentes de ação não podem ser alterados por um mero ato de vontade (FOOTE-WHITE, [1954]2005:125).

A Sociedade Nossa Senhora das Graças, com 250 associados à época de sua fundação, na década de 1940, funcionava como um lugar para cumprir e viabilizar obrigações mútuas fundamentais para a coesão do grupo. Voltada para a criação e consolidação de uma rede de sociabilidade exclusiva aos *calon* do Catumbi, a Sociedade organizava um calendário de atividades sociais, religiosas e recreativas. Entre as atividades de maior destaque, e que faziam parte de seu calendário fixo, estão as reuniões semanais de sábado à noite, o *réveillon*, as festas juninas, os concorridos bailes e blocos de carnaval¹⁷ e a festa em homenagem à Nossa Senhora das Graças¹⁸.

Ao menos nos limites do bairro do Catumbi, os ciganos se distinguem pela maneira como expressam sua devoção. Em diferentes narrativas, costuma ser sublinhado o fato de amanharem cuidadosamente suas imagens, especialmente a de Nossa Senhora das Graças. É interessante observar que os cuidados dispensados com essa imagem correspondem à sensível descrição feita por Debret, no século XIX:

¹⁷ Os *calon* desfilavam pelas ruas do Catumbi em três blocos, “Forte Corrente”, “Esperança” e “O Tempero é nosso”, todos eles exclusivos a membros do grupo.

¹⁸ Os ciganos se encontram regularmente e interagem numa frequência muito alta. Além das atividades já destacadas, a Sociedade Beneficente era o espaço no qual comemoravam aniversários, casamentos, bodas, formaturas e organizavam almoços e jantares, saraus, peças teatrais e ladainhas para o Sagrado Coração de Jesus.

“enfeitam seus pequenos ídolos protetores, cobrindo-os com uma infinidade de laços de fitas de diversas cores e amarrando a seus pés, moedas, etc”.

Os *calon* ainda se distinguem por seu comportamento diante de certos episódios, especialmente no que se refere aqueles que suscitam a atenção da maioria dos moradores do bairro. Ao descrever a agitação do período de grande mobilização popular contra os planos da Reforma urbana, na década de 1960, nos conta Guida Nunes (1978:44) que, em relação ao movimentado Domingo de Ramos na Igreja, somente os ciganos permaneciam alheios ao acontecimento. O estranhamento em relação ao Domingo de Ramos contrasta com a familiaridade e o entusiasmo que manifestam durante a missa dedicada à Nossa Senhora das Graças. Uma cerimônia marcada por alto potencial dramático: durante a liturgia, os cânticos são entoados em alto e bom som e, ao fim do culto, aclamam Nossa Senhora com uma calorosa salva de palmas.

Celebrada há mais de sessenta anos, sendo nos últimos vinte anos marcada anualmente por Luzia Almeida, a missa é um verdadeiro evento para algumas famílias. Especialmente para a de Luzia Almeida que ao percorrer as ruas do bairro em direção à Igreja Nossa Senhora da Salete não deixa de atrair olhares: as mulheres exibem uma maquiagem que salta à vista, desfilam longos vestidos, em tons de azul, calçam sapatos dourados ou prateados e nos cabelos, irretocavelmente penteados, reluzem tiaras e arranjos. Acompanhando as distintas senhoras, observamos homens trajando, com uma postura garbosa, camisa azul, calça de linho branco e, aos pés, sapatos de uma alvura impecável. Nada passa despercebido, sobretudo os brincos, colares, anéis e abotoadoras de ouro.

A Sociedade Nossa Senhora das Graças deixou de existir quando o imóvel no qual funcionava foi desapropriado, no final da década de 70. Ainda assim, podemos dizer que “eles estão sempre juntos”¹⁹. Essa é uma frase bastante comum a propósito do grupo cujas atividades são quase sempre desenvolvidas no seio de uma rede tecida pelas relações de parentesco e interesse. Isso, por sua vez, facilitava um forte controle da família em relação a seus membros, sobretudo no que se refere às mulheres e aos jovens. Quando estes participavam de outras redes sociais, como o grupo de jovens na igreja da Salete ou a

¹⁹ A descrição da vida cotidiana dos ciganos mostra que eles procuram fazer as tarefas mais simples na companhia de membros do grupo. Assim, quando vão ao médico é comum irem quatro ou cinco pessoas. A propósito, eles também procuram certos profissionais: pintor (Mario), médico (José Rios), padre (Alberto), costureira (Isaura e Ercília), banda de música (“Os Endiabrados”), etc.

Escola Paroquial (onde boa parte do grupo estudou), eram alvos de escrupulosa atenção. E não era apenas o medo do casamento com um não-cigano que orientava essa atenção. Algumas senhoras nos contaram que deixaram de freqüentar a escola em razão das repetidas gozações que lhes eram dirigidas.

“Era muito preconceito, sabe como é. Porque o povo de vocês, os “gadjins” hostilizavam muito. Éramos muito hostilizados. Por isso, não mandavam as meninas para a escola (...) Mesmo no Catumbi. Aqui, depois de um tempo, eles foram acostumando. Mas, no princípio, tinham preconceito, hostilidade...”

Uma das interpretações de Miralinda Verani para o relativo isolamento social a que foi submetida diz respeito à hostilidade freqüentemente manifesta pelos *gadjé*. Com clareza, ela nos fala que para os ciganos cultivarem uma honra positiva, a despeito de todos os estereótipos que lhes são imputados, devem viver restritos aos horizontes de sua comunidade. A Sociedade Beneficente desempenhava, nesse sentido, um papel importante não apenas para a coesão e a difusão da solidariedade do grupo, mas para que, simultaneamente a isso, seus membros cultivassem um orgulho de base étnica.

Considerações finais

Como vimos, a Sociedade Beneficente Nossa Senhora das Graças oferecia uma festa em homenagem à Nossa Senhora das Graças. A devoção manifesta e que confere nome à sociedade, entretanto, não nos leva a supor que esta instituição se define apenas pela dimensão religiosa, pois, também nela, laços de lealdade étnica são fundamentados. Melhor dizendo, tais laços são cultivados de maneira muito eficiente a partir da regulamentação ritual da vida, expressa através de um calendário de obrigações (inclusive festivas). No período da Campanha empreendida pelo Estado Novo, a vida institucional do grupo *calon* se manteve. O que nos conduz a pensar que embora vistos como estrangeiros, os ciganos, ao menos os *calon* do Catumbi, não inspiraram cuidados especiais da política de feição conservadora e nacionalista de Vargas. Mas, se na perspectiva estadonovista, a persistência de “quistos étnicos”, pequenas comunidades étnicas, representava um verdadeiro entrave à sua política de homogeneização da “cultura, dos costumes, da língua e da ideologia nacional”, por que as sociedades *calon* não se viram ameaçadas?

Os ciganos não sofreram perseguição específica, sendo submetidos aos mesmos constrangimentos e proibições que outros grupos considerados estrangeiros, tais como não falar, ensinar ou editar jornais em língua estrangeira. Considerando que o grupo tem uma forte tradição oral, não cultivando o hábito do registro escrito, parte dessas proibições não se configurou como um problema. Além disso, deve-se destacar que os ciganos engendraram estratégias que aparecem na memória oral para enfrentar as restrições do Estado Novo e as medidas de nacionalização: as organizações ciganas quando registradas tinham um estatuto muito simples e no qual não apareciam cláusulas que revelassem seu exclusivismo étnico. Essas organizações também foram designadas com nomes vinculados à religião oficial, senão isso sem a referência étnica, a exemplo das Sociedade Benficiente Fé em Deus e Sociedade dos bons amigos.

Uma outra questão a se considerar diz respeito ao fato da Campanha ter se dirigido, sobretudo, aos grupos que nutriam laços de lealdade a uma outra nação que não a brasileira. Nessa direção, o fato dos ciganos serem apátridas, ou, melhor dizendo, sem vínculos a um país estrangeiro, talvez seja um bom indicativo para pensarmos o por que de não termos identificado para o período evidências de que a atuação da Campanha tivesse promovido situações de tensão étnica ou conflitos reais que alterassem o cotidiano da comunidade *calon* do Catumbi.

Bibliografia

- CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da Ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n.44, p. 393-423, 2002.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil; ou séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831*. Paris: Firmin Didot Frères, Imprimeurs de L'Institute de France Libraires, 1834.
- DONOVAN, Bill M. Changing Perceptions of Social Deviance: Gypsies in Early Modern Portugal and Brazil. In: *Journal of Social History*, v. 26, n. L, Fall 1992.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. O Sistema de Linhagens. In: *Os Nuer* [1940]. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- EIDHEN, E. When Ethnic Identity is a Social Stigma. In: BARTH, F (org.) *Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference*. Bergen/ Oslo: Universitets forlaget, London: George Allen & Unwin, 1969.
- FOOTE-WHITE, Willian. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1943]2005.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

- GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1824]1956.
- KARASCH, Mary. A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MORAES FILHO, Mello. Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed.USP, [1886]1981.
- MITCHELL, J. Clyde. The Kalela Dance: aspects of social relationships among urban africans in N. Rhodesia. Manchester University Press, Rhodes-Livingstone Papers, n. 27, 1956.
- NUNES, Guida. Catumbi, rebelião de um povo traído. Um caso de especulação imobiliária. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SAINT-HILAIRE, Auguste M. Voyage dans les Provinces de Saint-Paul. Tome Premier. Paris: Arthus Bertrand, Libraire-éditeur, Libraire de la Société de Géographie, 1851.
- SALGADO, Graça (org.) Fiscais e Meirinhos. A Administração no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SANTOS, Luiz Gonçalves dos (Padre Perereca). Memórias para Servir à História do Reino do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: Ed.USP, [1825]1981.
- SCHWARTZMAN, Simon (org.). Estado Novo, um Auto-Retrato (Arquivo Gustavo Capanema). Brasília: Editora UnB, 1982.
- SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. Mana vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997.
- POE, Edgar Allan. A Carta Roubada. In: *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Martin Claret, [1844]2000.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- THOMAS, W. I. & ZNANIECKI, F. The Polish Peasant in Europe and America. Boston: s.n., [1918-1920]. 5 v.
- WEBER, Max. Relações Comunitárias Étnicas. In: *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*, vol. 1. Brasília: Editora UnB, [1922]1991.
- WEBER, Max. Hinduismo y Budismo. In: *Ensayos sobre Sociología de la Religión*. Madrid: Taurus, [1921]1987. vol II.